A LÓGICA MODERNA E O MEDO

DAMIÃO, Abraão Pustrelo¹

RESUMO

No diagnóstico do nosso cotidiano, incerteza e insegurança – e o medo como elemento decorrente – são fatores presentes. Este trabalho tem por objetivo refletir acerca do medo a partir da análise da dinâmica de vida que a modernidade nos oferece enquanto um projeto que vem influenciando na formação de nossa subjetividade, na nossa interação e organização social e no direcionamento das nossas ações cotidianas. Ainda, tentar demonstrar os riscos constantes advindos do processo de modernização e a aparente sensação por parte dos indivíduos que a sociedade em que vivemos não é mais lugar de certezas.

Palavras-chave: Medo, lógica, modernidade e insegurança.

¹ Graduando em ciências sociais pela Universidade Estadual Paulista FFC- Marília, com um projeto de pesquisa sobre Risco e Medo na modernidade: Os diagnósticos de Anthony Giddens e Zygmunt Bauman.(2009).e mail dirceudamiao@hotmail.com

A lógica moderna

A modernidade, em sua gênese, se refere a um estilo, costume de vida ou organização social que surgiram na Europa a partir do século XVII. A modernidade, pode estar associada a uma localização geográfica inicial, mas que posteriormente tornou-se mundial em suas influências. A modernidade pode ser vista como uma herança intelectual e cultural do projeto iluminista e renascentista, que juntos recolocavam o homem no centro das atenções, através de um resgate da antiguidade clássica – com suas noções de liberdade individual e Estado republicano – e, sobretudo, da razão como forma de conhecimento e organização social, em contraste aos parâmetros medievais (escolástica, fé incontestável e poder absoluto da igreja) que vinham se deteriorando paulatinamente. A modernidade em sua constituição propunha uma rejeição à tradição e aos dogmas religiosos como formas de construção do conhecimento, o conhecimento deveria passar, agora, pelo contínuo e crescente entendimento racional do mundo. A modernidade engendrou uma nova visão de história, de política e de ensino. Enfim, uma nova dinâmica de vida.

Enumero rapidamente algumas das escolhas que fatalmente influenciaram na formação da subjetividade dos indivíduos modernos. A revolução copernicana que deslocou o homem e a Terra do centro do universo; a revolução das navegações que alargaram as fronteiras do mundo conhecido e do comércio; a reforma protestante que sacudiu as certezas dos fiéis em relação à fé e à salvação; o surgimento das primeiras grandes aglomerações de pessoas (cidades) que provocaram o convívio entre indivíduos desconhecidos e balançaram a segurança da vida comunitária e da tradição; a invenção dos primeiros instrumentos científicos sofisticados permitindo uma abordagem mais técnica do mundo e um conseqüente questionamento aos dogmas criacionistas da igreja; a redescoberta do mundo greco-

romano; e o desenvolvimento dos meios de comunicação permitindo a circulação e democratização (de certo modo) das novas idéias (KHEL, 2008). Devemos ressaltar ainda que todos esses elementos foram radicalizados a partir do fenômeno da globalização e do desenvolvimento progressivo e contínuo da tecnologia e do capitalismo.

A modernidade em seu projeto pressupõe duas concepções básicas: emancipação e regulamentação. A regulamentação – que viria a se desenvolver paralelamente ao sistema econômico capitalista – seria constituída pelos princípios (nos termos de Weber 2003) de Estado, de mercado e de comunidade, regulados por uma burocracia eficaz, racional e objetiva. Enquanto a emancipação seria constituída a partir de três lógicas de racionalidade: a racionalidade estética da arte e da literatura com o renascimento cultural e todas as suas implicações; a racionalidade referente a moral, a ética e o direito desenvolvida pela expansão e criação de manuais jurídicos e de regulação das ações humanas; e a racionalidade instrumental pautada sobretudo, na ciência e na técnica por meio dos modos de produção associados ao industrialismo (WEBER, 2003).

A racionalidade estética articula-se, especialmente, com o princípio da comunidade,² onde se condensam as idéias de identidade e comunhão, intimamente relacionadas à contemplação estética como o romantismo e o realismo. Já a racionalidade moral-ética conecta-se, preferencialmente, ao princípio do Estado³, sua burocratização e

² Esta idéia de comunidade é a expressa por Jean Jacques Rousseau em *O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*(1755). Ao defender que todos os homens em estado de natureza nascem livres, e a liberdade pertence a natureza do homem, Rousseau inspirou alguns dos grandes movimentos que visavam a busca pela liberdade, como: as Revoluções Liberais, o Marxismo e o Anarquismo.

³ A noção de formação do Estado aqui apresentada é aquela que se remete ao Estado visto e proposto por Thomas Hobbes em *Leviatã* (1651), onde os

aperfeiçoamento dos instrumentos de poder. Enquanto a racionalidade instrumental corresponderia ao princípio do mercado⁴; pois nele se condensam idéias de individualidade e concorrência – essenciais ao incremento da técnica – e também pela conversão da ciência numa força produtiva a partir do século XVIII.

Com a interação desses princípios entre si e da maximização das potencialidades inerentes a cada um deles, a modernidade arquitetou um audacioso e intrigante projeto cultural que buscou transformar o nosso mundo (ocidental) pela fé na ciência e na técnica aplicadas às forças produtivas; nas relações liberais de mercado como adequados a praticar um estado justo e afortunado; na positividade do progresso e na sua constante renovação e superação.

As implicações e a derrocada do projeto moderno

Entretanto, como nos aponta Zygmunt Bauman e Anthony Giddens, o projeto moderno falhou⁵. O que ele prometia, de certo modo, não foi cumprido, e sua lógica parece ter entrado na contramão, abrindo terreno para o desenvolvimento de novos modelos não previstos na origem da

modernidade. O campo tecnológico, a produção econômica, cultural, e as formas de sociabilidade, tomaram rumos não previstos pelo projeto moderno. Além do que, as transformações que a modernidade propunha, em sua gênese, se tornaram, agora, nas palavras de Anthony Giddens (2000) radicalizadas⁶, abrindo terreno para a crítica da modernidade enquanto projeto.

Deve-se repetir com frequência que a derradeira catástrofe iminente está se aproximando graças à lógica interna da vida moderna. A perspectiva de catástrofe é particularmente difícil de evitar porque a civilização deve seu potencial mórbido (ou mesmo suicida) às mesmíssimas qualidades de que extrai sua grandeza e seu glamour: a aversão inata à autolimitação, a transgressividade inerente e o ressentimento e desrespeito em relação a todas as fronteiras – especialmente à idéia de limites finais ou derradeiros (BAUMAN, op. cit., 2006, p. 101).

A modernidade só se torna concebível como um processo de modernização contínuo, que no estágio da modernidade-liquida⁷ se tornou obsessivo. Os obstáculos devem ser temporários, em último caso de curto prazo. A eles são, muitas vezes, atribuído o status de constrangimentos que devem logo ser postos fora do caminho, por mais um esforço ou conjunto de esforços da ciência e da tecnologia. Obstáculos, tidos muitas vezes como problemas, que são desafios a serem superados pelo nosso empenho. E ocupada em resolver problemas, principalmente acarretados pelo último ou penúltimo esforço de solução, a civilização

homens na busca por se livrar do estado de natureza, de guerra de todos contra todos, e encontrar a paz abrem mão de sua liberdade civil para formar uma sociedade e esta necessita de uma autoridade à qual todos os membros devem se der o suficiente da sua liberdade natural, por forma a que a autoridade possa assegurar a paz interna e a defesa comum.

⁴ Sobretudo a imagem de mercado extraída de John Locke no *Segundo tratado sobre o governo civil* (1689) expõe sua teoria do Estado liberal e a propriedade privada. A partir da idéia que o mundo natural é uma imensa propriedade comum e cabe aos indivíduos se apropriar dela, Locke associa com ênfase a a inter-relação entre Propriedade – Liberdade.

⁵ Bauman e Giddens, demonstram de modo claro a derrocada do projeto moderno - essa desestruturação será melhor trabalhada adiante – quando usam os termos, modernidade radicalizada e modernidade líquida.

⁶ Giddens argumenta que o projeto de emancipação, proposto pela modernidade, hoje esta radicalizado. Estamos alcançando um estágio em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas (pelas inovações tecnológicas constantes) e universalizadas (através do processo de globalização) do que antes já visto na história.

⁷ Termo utilizado por Zygmunt Bauman para se referir ao estágio atual da Modernidade. *Modernidade Líquida* (2000).

moderna não tem tempo nem estímulo interno para refletir sobre a escuridão no fim do túnel (BAUMAN, 2008). Ainda, o espírito inquieto da modernização garante a existência de um número cada vez maior, já que automultiplicador, de obstáculos a serem superados. No estágio em que nos encontramos, grande parte do "progresso" cotidiano consiste em reparar os danos diretos ou colaterais provocados pelos esforços, atuais e passados para acelerá-lo (BAUMAN, 2008, p. 30). Nesses exercícios, permanentes, de administrar as crises, os desafios pela frente emergem rotineiramente menos administráveis do que antes. Conseqüentemente, o objetivo de identificar as origens dos nossos medos também se mostra insulada.

A questão dos limites da iniciativa humana ficou fora de nossos pensamentos e práticas por tanto tempo que agora se tornou quase incompreensível e na verdade inexprimível. Originalmente, quando Max Weber descreveu o desencantamento do homem frente à natureza, destacando-o como o verdadeiro ato de gênese do espírito moderno, como uma forma de protesto à ineficácia da obediência, da oração e da prática da virtude, e como instrumentos evocados para atingir as respostas sobre o mundo, privou a natureza de sua subjetividade. Mas, além de descartar aquela sobreposição "ilógica" da natureza, o desencanto teve outro efeito tremendamente poderoso: a emancipação dos medos mais assustadores. A esperança de que a aleatoriedade e a imprevisibilidade da natureza fossem desaparecer não se concretizou. O intuito de trazer para a esfera social, os elementos antes atribuídos à natureza, e organizá-los, a partir de nossas orientações racionais, não suplantou os medos e ansiedades advindas do âmbito natural.

Os desastres naturais que deviam ser submetidos ao mesmo destino dos males sociais, os quais, como se presumia, poderiam ser exilados e não retornar mais. O que se esperava no começo da era moderna é que,

cedo ou tarde, todas as ameaças naturais ou morais se tornariam previsíveis e estáveis, obedientes ao poder da razão. Entretanto, a tentativa de nos colocarmos como determinante-chefe de nossa própria condição, colocar nosso poder tecnológico e nosso conhecimento a priori, substituindo – na verdade menosprezando – o poder da natureza, não ajudou a suplantar nossos medos. Nós obtivemos o segredo de liberar e desencadear forças reprimidas em nós que a natureza travava, porém, resolvemos usá-las antes de termos a chance de aprender com precisão as implicações de tais forças e suas conseqüências. A ironia é que, assim como no estágio inicial da modernidade, continuamos confusos, atordoados e inseguros quanto ao que deve ser feito, como e quem faria, caso realmente pudéssemos entender as forças naturais e morais de nossas decisões. "Tal como nossos ancestrais, somos tomados por temores que emanam do grande vácuo entre a grandiosidade do desafio e a escassez e fragilidade de nossas ferramentas e recursos" (BAUMAN, 2001, p. 101).

Além do mais, desta vez não são mais apenas as tempestades, terremotos, doenças... que nos assustam, mas também artefatos feitos por seres humanos e seus impenetráveis subprodutos e efeitos colaterais que exsudam os mais terríveis de nossos medos. Nossos ancestrais que tinham a esperança de que o desafio de acabar com as imprevisibilidades da vida e nossa capacidade de enfrentá-lo ou repeli-lo fosse um inconveniente temporário, não se concretizou. Agora estamos, de maneira mais assustadora ainda, percebendo que nossas apostas foram frustradas, estamos perdendo nossas ilusões quanto a nossa capacidade de controlar o mundo. Tentamos exorcizar nossos medos e fracassamos, tendo apenas aumentado (por meio de avanços técnicos e de conhecimento) no curso da tentativa a soma total dos horrores que clamam por ser expurgados e confrontados. "*O mais horripilante dos medos adicionados é o de ser incapaz de evitar a condição de estar com medo ou de escapar dela*" (BAUMAN, 2008, p. 124). Agora, sem o otimismo de antes, temos medo de que

as catástrofes que perturbavam nossos ancestrais não apenas tendam a se repetir, mas também sejam inescapáveis.

Podemos imaginar que a maldição de nossa aterradora experiência de insegurança, que não mostra sinais de redução e é aparentemente incurável, é o efeito colateral, das, por assim dizer, expectativas crescentes; a promessa singularmente moderna e a convicção generalizada que gerou de que, com a continuação das descobertas científicas e das invenções tecnológicas, além das habilidades adequadas e dos esforços apropriados, seria possível atingir a segurança "total", uma vida completamente livre do medo – que isso pode ser feito e que podemos fazê-lo. Mas as ansiedades crônicas sugerem obstinadamente que tal promessa não pode ser alcançada – que "isso não foi feito". Quando isso se combina com a convicção de que tal coisa "poderia ser feita", a frustração das esperanças acrescenta ao dano da insegurança o insulto da impotência – e canaliza a ansiedade para um desejo de localizar e punir os culpados, assim como de ser indenizado/compensado pelas esperanças traídas. (BAUMAN, op. cit, 2006, p. 170).

Alguns aspectos do medo moderno

Bauman sugere que nosso sentimento exasperado de insegurança, deriva não tanto da carência de proteção, mas sim de uma obsessão que temos com segurança. Assim como nossa intolerância a qualquer brecha no seu fornecimento, "que se torna a fonte mais prolífica, auto-renovável e provavelmente inexaurível de nossa ansiedade e de nosso medo" (BAUMAN, 2008, p. 169).

Com relação as duas, das três áreas, que deram origem às inseguranças que atormentavam os indivíduos pré-modernos (os poderes caprichosos e inacessíveis da natureza e a incomoda fragilidade do corpo humano), desenvolvimentos significantes aconteceram durante a Era Moderna.

Inúmeros desenvolvimentos tecnológicos criaram um interposto entre as imprevisibilidades da natureza e nosso habitat⁸. Quanto à segunda área, hoje, como nunca antes na história, as enfermidades e até defeitos congênitos se tornaram curáveis. A longevidade estática de nossas existências continua aumentando de maneira constante. Mas, quanto a terceira área (perigos que emanam da má vontade e agressões inter-humanas) há uma sensação de que a segurança prometida não se materializou. E pode até ter ficado mais distante. O grau de autoconfiança e sentimentos de segurança pararam de crescer, na medida que os sucessivos ataques de horror se seguem à notícias de que alguma instituição humana⁹ não está funcionando bem como era de se esperar, são menos seguras. "Os medos resultantes tendem a ser explicados por atos perversos motivados por intenções malévolas" (BAUMAN, 2008, p. 171) Neste drama deve haver um vilão (um vilão humano), que tanto na opinião de alguns especialistas, quanto na maior parte das crenças populares, tem grande parte da responsabilidade pelas traquinagens da natureza e os extravagâncias da saúde corpórea.

"Podemos dizer que a variedade moderna de insegurança é marcada pelo medo principalmente da maleficência humana e dos malfeitores humanos" (BAUMAN, p. 2008, 171). Bauman atribui à individualização moderna este estado de coisas. Sugere que,

Tendo substituído as comunidades e corporações intimamente entrelaçadas que definiam as regras de proteção, seus diretos e obrigações individuais correlatos, e também monitoravam sua observância, pelo dever individual de preocupação consigo mesmo a sociedade moderna foi constituída pela areia

⁸ Mesmo que o preço que teremos de pagar por esse sucesso, pode ser a destrutividade crescente e sem precedentes dos elementos naturais.

⁹ Hospitais, presídios, fábricas, supermercados, serviços sociais, previdência, etc.

movediça da contingência. Pressionados diariamente a perseguirem seus interesses e satisfações, e só se preocuparem com os interesses e satisfações dos outros na medida em que afetem os seus, os indivíduos modernos acreditam que os outros à sua volta são guiados por motivos igualmente egoístas – e, portanto, não podem esperar deles uma compaixão e uma solidariedade mais desinteressadas que eles próprios são aconselhados, treinados e dispostos a oferecer. Numa sociedade assim, a percepção da camaradagem humana como fonte de insegurança existencial e como um território repleto de armadilhas e emboscadas tende a se tornar endêmica. Numa espécie de círculo vicioso, ela exacerba, por sua vez, a fragilidade crônica dos vínculos humanos e aumenta os temores que essa fragilidade tende a gerar. (BAUMAN op. cit., 2006, p. 172).

O medo já se adentrou e esta arrasando o mundo moderno, ele já adquiriu uma força autopropulsora, adquiriu forças próprias para se propagar. E nossas ações de viver atrás de muros, contratar guardas armados, blindar nossos veículos, instalar câmeras de segurança... ajudam a (re)produzir um senso de desordem que é perpetuado por nossas ações."O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias" (BAUMAN, 2008, p. 173), necessitando de poucos estímulos externos para se manter vivo e em expansão, uma vez que as ações que o incita diariamente, reafirmadas pelas nossas ações de segurança, justificam sua energia. Mas o ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiriam ininterruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos *tremores existenciais*¹⁰, verdadeira fonte de nossos medos.

¹⁰ De acordo com Bauman os tremores existenciais se referem ao campo onde repousam nossas expectativas de vida. Devemos ressaltar que a modernidade criou expectativas que ela não pode cumprir, por exemplo, a idéia de que a segurança total poderia ser atingida.

Os tremores existenciais têm acompanhado o ser humano ao longo de sua história, e nunca antes estivemos tão aptos a prever e enfrentar os golpes do destino¹¹. Entretanto, hoje há um desacoplamento entre as ações inspiradas pelo medo e os tremores existências que geraram o medo. Acarretando que nenhum esforço nas áreas em que o medo foi desacoplado (desunido do que lhe deu origem ou do que faz parte) poderá neutralizar suas verdadeiras fontes. É devido a isso que a série viciosa do medo e das ações por ele inspiradas vão em frente sem perder vigor. A série em questão (nos termos de Bauman) se apresenta no deslocamento, na atualidade, da esfera da *segurança* (ou seja, da autoconfiança e auto-segurança) para a da *proteção* (do abrigo e exposição às ameaças). A primeira esfera, quando foi despida, progressivamente, de seus mecanismos institucionais que eram apoiados e garantidos pelo Estado, se tornou refém das incertezas do mercado e transformada em um parque de diversões das forças globais que operam no espaço dos fluxos que fica fora do alcance do poder político, e portanto também da capacidade de suas vítimas de reagir de modo apropriado, menos ainda revidar de maneira efetiva. As políticas de ordem coletivas, que eram endossadas contra as desgraças individuais, que receberam o nome no último século de *Estado de Bem estar social*, estão agora tão reduzidas que não podem mais validar e sustentar a segurança, nem ao menos se prevenir contra as próximas cartadas das elites econômicas globais.

O Estado se tornou um criado da economia global. Não consegue mais exercer sua função de policiamento e proteção da ordem. As desregulamentações advindas das forças do mercado (neoliberal) e a submissão do Estado aos efeitos negativos da globalização (globalização do crime, dos negócios e do terrorismo, mas não das

¹¹ A idéia de destino implica não tanto a natureza dos imprevistos da vida, mas a capacidade que temos de prevê-los. O destino sempre representou a ignorância e impotências humanas, frente aos aspectos imprevisíveis.

instituições políticas e jurídicas capazes de controlá-los), precisam ser pagas, e o são, por meio da ruptura e ruína social, "da fragilidade dos vínculos humanos, transitoriedade das lealdades comunais e revogabilidade dos compromissos de solidariedade" (BAUMAN, 2008, p. 172), dificultando ou até mesmo minando a ação do Estado Social. E com esse enfraquecimento das redes de proteção dos direitos sociais, dá-se uma insegurança na hora de elaborar planos futuros. Os mercados globais crescem sobre essas condições de insegurança, ele se beneficia do medo, uma vez que salopa o Estado, fazendo com que o indivíduo procure soluções individuais para os problemas que foram socialmente produzidos.

Essa progressiva desfiguração das defesas que o Estado mantinha contra os temores individuais alçou o indivíduo a uma situação de desproteção total. Os arranjos para defesa coletiva (sindicatos, e auxílios coletivos) estão cada vez mais fracos, e o indivíduo tem que procurar e praticar sozinho as soluções que vier a encontrar. Contudo, as surpresas e desafios que as escolhas individuais (sem base coletiva alguma, de proteção e segurança coletivas) propicia um volume crescente de incertezas, repletas de armadilhas e obstáculos que devem ser superados individualmente, a liberdade de escolha parece desenfreada hoje em dia. Porém, a liberdade sem a segurança (de que se falharmos seremos socorridos por alguém) não é menos perturbadora e pavorosa do que a segurança sem liberdade. "Não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade, mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na mesma medida. Isso não é razão para que deixemos de tentar" (BAUMAN, 2001, p. 11).

Enquanto não identificamos as verdadeiras fontes de nossos medos existências (ou seja compreender o terreno sobre o qual se formam nossas expectativas de vida), e continuarmos optando pela *proteção de nossos corpos e suas extensões*, em vez de enfrentarmos na raiz os medos que nos afligem, permaneceremos aflitos e assustados.

Enquanto a tarefa for empreendida individualmente, os domínios dos tremores existenciais tenderão a ficar incontroláveis e mais difícil ainda de serem suplantados.

Afinal de contas, o mais agudo dos tremores existenciais que solapam a confiança e alimentam os tormentos da incerteza são gestados em uma área inalcançável pelos instrumentos à disposição dos indivíduos, e assim estamos condenados a considerá-los incontroláveis. O terreno sobre o qual repousam nossas perspectivas de vida é reconhecidamente instável e movediço – da mesma forma que nossos empregos e as empresas que os oferecem, nossos parceiros e redes de amizade, a posição que ocupamos na sociedade mais ampla e a autoconfiança que a acompanha. (BAUMAN, op. cit, 2006, p. 181).

Além do mais, a idéia de progresso que antes se punha como a promessa de felicidade compartilhada por todos e que orientava nossas perspectivas de vida (apostávamos nele como algo que melhoraria nossa condição existencial) agora representa, sobretudo, a ameaça de mudança implacável e inescapável de qualquer estilo de vida que se pretenda fixo, imutável, regular. Ameaçando apresentar exigências novas e desconhecidas, a qualquer instante, e invalidar as rotinas de enfrentamento (das anormalidades) aprendidas com dificuldade. O progresso, agora, evoca pensamentos horripilantes de ser deixado para trás. "A exclusão é afinal de contas, o dejetivo do progresso" (BAUMAN, 2008, p. 181).

Outra razão para a insegurança, é que o senso que as pessoas tinham de padrão social, que respondia a pergunta "O que devo fazer?" esta se desmantelando, os padrões irrevogavelmente registrados a partir de um lugar na hierarquia de poder (porque autoridade diz o que fazer), de gênero (porque você é uma mulher ou um homem), de tradição (porque devemos seguir o velho, ou, assim parece) etc. Não respondem mais as perguntas nem apontam caminhos, nós fomos

liberados de um sistema rígido de posições. Assim,

Quando o déficit de legitimidade se torna característica de todas as reivindicações e requisições, as ações empreendidas em seu nome e no seu interesse, antes percebidas como as únicas expressões adequadas da imutável, incontestável e irresistível ordem das coisas, tendem a ser reclassificadas aos olhos do público como atos de imposição e, portanto, de violência. Resulta disso a impressão generalizada de um volume rapidamente crescente de violência: outra fonte prolífica dos medos contemporâneos. (BAUMAN op. cit., 2006, p. 178).

Exaltados com nossa incapacidade de desacelerar o ritmo das mudanças, menos ainda de prever sua duração, tentamos (voltamos nossa atenção) calcular os riscos de sermos vítimas de alguma ameaça que é mais fácil de ser localizada. Preocupamo-nos em perceber os possíveis sinais do câncer, da pressão alta, da diabetes, do infarto, da gripe... enfim, procuramos por alvos substitutos e mais fáceis de serem identificados para descartar os nossos medos existenciais. O pior, essas atividades reafirmam e ajudam a reproduzir o senso de desordem que nossas noções precipitam. Cada olhar minucioso para encontrar algo errado com nosso corpo e nosso ambiente físico, faz o mundo parecer mais assustador, e instigamais ações defensivas que acrescentarão ainda mais vigor à capacidade do medo de se autopropagar.

Enquanto a preocupação com a proteção pessoal se sobrepõe à luta contra os tremores existenciais, não encontraremos soluções sólidas para nossas angústias. E ainda a preocupação pessoal vai tornar-se (se já não se tornou) mais uma esfera a ser explorada pelos capitalistas e políticos. Esse movimento já é percebido pela produção extensiva de aparatos de segurança pessoal, pela constante guerra de audiência dos veículos de comunicação de massa através dos programas policiais e sensacionalistas

e pelos planos de governo que tentam buscar legitimidade e aprovação política declarando guerra ao crime e aos distúrbios de ordem pública (BAUMAN, 2008, p. 188). Cada vez mais a produção de câmeras de segurança, cercas elétricas, radares de vigilância estão na lista de compra dos indivíduos. E os programas voltados a mostrar a violência e a desgraça humana adquirem espaços maiores nas grades de programação das Tvs, enquanto os políticos prometem acabar com os dejetos sociais (prostitutas, mendigos, imigrantes ilegais...).

O individualismo peculiar da modernidade líquida, a progressiva derrocada dos vínculos humanos e a desmantelamento da solidariedade mútua é uma das faces do medo que, via de regra, é (nas palavras de Giddens) a imagem da globalização em sua forma atual, puramente negativa, predatória e parasítica. O neoliberalismo (esta aposta no mais forte, no melhor preparado) apresenta-se como a ideologia possível e viável ao planeta. E poucos são os líderes capazes de enfrentá-lo. De fato, a sociedade não é mais protegida pelo Estado adequadamente, o Estado-nação perdeu grande parte de seu poder e, agora, se evapora no espaço global. A maior parte de suas ações, atualmente, são relegadas a políticas individuais – um Estado de proteção pessoal. Contudo, o foco sobre o crime e os perigos que ameaçam nossas vidas e condições sociais se revelou intimamente ligado ao sentimento de vulnerabilidade social, advindo (não de modo claro para nossos políticos) da desregulamentação econômica e da correspondente substituição da solidariedade social pela autoconfiança individual (BAUMAN, 2008). Os medos estão saturando a vida dos seres humanos na medida em que a desregulamentação do globo atinge suas conseqüências mais profundas, enquanto os baluartes defensivos da sociedade civil se desmantelam paulatinamente.

A separação do tempo e do espaço (que o desenvolvimento das técnicas de comunicação e informação proporcionaram e se efetivaram pela globalização), e o

conseqüente enfraquecimento da regulamentação normativa das agências políticas de um determinado lugar com vista no seu *modus operandi*, abriu as portas para infinitas possibilidades do capital globalizado. Sendo a desintegração social e a derrocada das agências efetivas de ação coletiva um efeito ulterior, engendrando o contexto da modernidade líquida de Bauman. Onde a individualidade virou individualismo, o trabalho não faz mais parte de um movimento para o bem comum, e a emancipação está associada ao consumo. E o único lugar que talvez poderia oferecer uma alternativa a esse fluxo: a comunidade. Tende a desaparecer, em nome de uma sociedade global. O advento da informática (emancipação do fluxo de informação proveniente do transporte dos corpos), muda o entendimento comunitário, pois, a fronteira entre o dentro e o fora não pode mais ser mantida. A mensagem do mundo global é clara: não importa onde estamos o que importa é que nós estamos lá. Ou seja, podemos estar em qualquer lugar, pertencer e influenciar qualquer comunidade.

Esse contexto de falta de garantias (da posição social, das posses e até da sobrevivência), da incerteza (na continuação e estabilidade do futuro), e da insegurança (da realização do eu e de suas extensões, da vizinhança e da comunidade), engendra a condição precária de existência do indivíduo moderno (BAUMAN, 2008).

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. 1º ed. Zahar. 2001.
- _____. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar. 2008.
- _____. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar. 2007.
- _____. *Confiança e Medo na Cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Zahar. 2009.
- _____. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Zahar. 2003.
- _____. *Vida para Consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Zahar. 2008.
- _____. *O Mal-Estar da pós-modernidade*. Trad. Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro. Zahar. 1997.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo. Schwarc. 1986.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Ed. Âmago. 1986.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo. Trad. Raul Fiker. 1º ed. Unesp. 1991.
- _____. *Mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 6º ed. Record. 1999.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo. Ática. 2002.
- _____. *A cultura do dinheiro*. São Paulo. Vozes. 2001.
- KHEL, Maria Rita. *Ensaio Sobre o Medo. Elogio ao Medo*. 2º ed. Sesi. 2007.
- _____. *O tempo e o cão. A Atualidade das depressões*. São Paulo. Boitempo. 2009.
- Marcuse, Hebert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna*. Trad. Douglas Kellner. São Paulo. Edunesp. 1999.
- _____. *Liberation From the affluent society. A lecture in London*. 1967.

NOVAES, Adouto (org). Ensaio sobre o medo.
Políticas do Medo. 2º ed. Sesi. 2007.

TUAN, Yi Fu. Paisagens do medo. Trad. Livia de
Oliveira. São Paulo. Edunesp. 2005,

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito
do capitalismo. São Paulo: Martin Claret,
2003.

_____ Ciência e política: duas vocações. São
Paulo: Martin Claret, 2003.